



O Gaiato

14 DE JUNHO DE 1969
ANO XXVI — N.º 659 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENARIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



PATRIMONIO dos Pobres

Aqui pelo norte, a palavra está muito passada. Há regiões onde quase não há freguesia sem seu grupo de empresários da construção das suas próprias casas, à custa de sacrifícios inauditos e de migalhas de muitas proveniências.

Alguns Párcos tomam a empresa muito a peito, como se fosse sua ou para seu directo benefício e mexem-se e interessam outros que podem e devem ajudar — «fazem-nas no seu coração», eis! — e as casas fazem-se mesmo. Destes, aparecem por aí frequentes recados, às vezes confessando o seu receio de abuso.

Aqui vai uma, de muitas:

«Porque todos os anos, 4 consecutivos, graças a Deus, tem sido atendido um caso nesta freguesia e porque me têm parecido dignos de ser atendidos, mais um trago à consideração de V.

Pede auxílio para sua casa F., do lugar de Moure. Já a começou, já está lá dentro. Vivia num barraco de madeira com sua mulher e nove filhos. Uma coisa monstruosa. Filho de pai que deixou a cada filho um bocado de terreno, este aproveitou imediatamente para começar a construir a sua casinha.

É o membro mais activo da L. O. C. e além doutras razões

bem via que assim não podia continuar.

É operário. Pouco tinha ameaçado com tal rancho de filhos à sua volta.

Uns deram madeira, outros trabalho.

Já há muito me disse para pedir ao Snr.. Eu dizia que não podia abusar.

Deve 21.000\$00 e ainda tem muito que fazer. Precisava dum palácio. A casa tem apenas 3 quartos e duas lojas que pensa utilizar como quartos, logo que julgue necessário para deitar dignamente os seus filhos.

Aqui o trouxe à presença de V. confiado de que, se puder, será atendido em qualquer altura.

Por minha parte as minhas desculpas por tanto importunar. É a nossa missão.

Obrigado por tudo e por todas as vezes.»

Continua na QUARTA página

S
E
T
U
B
A
L

A Maria Rosalina tem quase quatro anos e pesava 6 quilos há um mês. As histórias dos homens abandonados repetem-se. Num quintal da Azeda, nas barbas desta grande cidade, jaziam ao abandono, desprezo e espezinhar de muitos duas crianças cuja morte eu temi.

A mãe, que já tinha abandonado a família, foi presa por homicídio dum fruto do seu ventre. O pai, por desleixo e vergonha da situação, sem forças, desanimou e só ia ao quintal dormir: — Saía cedo para o trabalho, descansava e comia na taberna e regressava à meia noite, ou depois, para não ser visto por ninguém. Três crianças de 4, 5 e 6 anos ficavam naquele cubículo, negro e sujo, entregues a uma meia irmã, um pouco anormal, de 17 anos, que é já objecto de negócio dessas noitadas que toda a gente conhece e todos fingem ignorar! Uma vítima!... Uma pobre vítima desgraçada de que também eu e tu és culpado! Nós que não damos a mão! Sobretudo nós que acreditamos na Força Salvadora do Homem: — Cristo Jesus = Amor = Cruz = Paixão = Ressurreição. Por Ele fomos salvos! Se o sal perde a força não serve para nada senão para ser pisado pelos homens.

Eu fui àquele quintal, semelhante a tantos outros que por aí se têm construído e constroem, por causa dos dois meninos! Fui por eles! O tribunal organiza o processo para me entregar o direito de Pai. Aguardava. Estou tão escaldado que em casos destes só com o direito na mão! Mas não fui capaz. Naquela tarde a Maria Rosalina mais o Carlos Alberto estavam fechados na escuridão daquele ambiente nauseabundo, semi-nús, sentados num catre horrível. Abri o taipal que fechava a luz. Olharam-se numa interrogação infinita que eu

Continua na TERCEIRA página

Aqui LISBOA

«A criança deve ser protegida contra toda a forma de negligência, de crueldade e de exploração. Não deve ser submetida ao tráfico, sob qualquer forma que seja». (Da «Declaração dos Direitos da Criança»).

Apalpamos a todos os instantes as consequências da inobservância das regras morais-base de uma sociedade devidamente estruturada. As crianças que nos são confiadas são as vítimas inocentes da negligência, da crueldade e da exploração dos homens. Negligência na educação e no tratamento; crueldade nos abandonos ou esquecimentos, quando não na violência; exploração dos seus recursos físicos ou morais, num atentado doloroso contra os mais sagrados direitos dos fracos. Os traumatismos impressos no subconsciente dos pequenos entrados nas nossas Casas dificilmente poderão ser compensados e daí as grandes doses de compreensão e de amor necessárias no dia a dia da nossa existência. Como somos, porém, uma gota de água para satisfazer um oceano imenso das necessidades, nem pelo facto de procurarmos cumprir o dever, deixamos de nos sentir preocupados e muito. E não se diga que as situações concretas que temos em mente se cingem a classes ou grupos ditos de níveis económico-sociais mais desfavorecidos.

Há muita gentinha que sabe como as coisas são ou devem ser, mas não quer gastar tempo ou energias na educação dos

Continua na QUARTA página

MALANJE

Foi no Lombe que ele foi criado por uma Madre, que lhe deu o carinho de mãe. Por isso ele não esquece mais. Olhei-o bem. Sorri. E meditei:

Educar é amor traduzido nos pequenos nada do nosso quotidiano. Até o castigo deve ser amoroso. Isento de raiva e precipitação. E que leve à meditação da falta. Quantas vezes as

Caíu um dente ao Tonito pequeno; quando sorri vê-se o buraquinho escuro.

Hoje, sorrateiramente, chegou-se a mim e:

— Vamos passear no Lombe.

Por isso

as nossas preocupações de pais de família não nos deixam serenos e amáveis!

— Vamos mesmo — respondi.

— Vamos mesmo?! — insistiu.

E ele ficou feliz.

xxx

Vivemos todos tão preocupados com a promoção do homem! Ora promover é partir do homem tal como... Condição económica, grau de instrução, palhota, muceque.

Promover é dar com amor e, também, exigir o cumprimento das leis e a obrigação do trabalho.

Promoção é um caminho longo e, nele, a mão estendida, mas invisível, para guia e apoio.

Procuramos o homem.

Restabelecemos nele a sua dignidade.

Instauremos a justiça.

Só assim.

Continua na QUARTA página



Quase toda a comunidade de Malanje posa para os nossos leitores. Reparem no típico sorriso gaiato do Júlio ex-«Tira-Olhos!»

Mais um recado aos assinantes do «Famoso» e da Editorial

Quase todos os dias — pela mão de «Herrera» e «Olhinhos» — enviamos pró correio um maço de postais lembrando aos mais descuidados assinantes do «Famoso» e da Editorial (alguns vítimas dos nossos lapsos!) que «a assinatura do jornal está em atraso» ou «que não consta da ficha a liquidação do (s) livro (s)...».

É um trabalho de rotina — desde os primeiros tempos do «Famoso», ainda na Casa velha, no velho mosteiro beneditino que serviu de tecto antes da nova e bela «Aldeia» que é a delícia da nossa vida. Aliás, um trabalho específico de qualquer periódico ou editorial.

Epoca de postais equivale a dores de cabeça! Mas é, também, ocasião propícia para revelações de muita Amizade. Aqui têm:

«Referindo-me ao aviso dessa Editorial, com carimbo do correio de 10 do corrente, venho informar que:

Por ser livre «A Porta Aberta»,
O livro não o paguei.
Mas, agora, envergonhado,

Uns cobresitos juntei.
O vosso aviso acordou-me
E eis-me aqui a responder:
«Mais vale tarde que nunca
O tenho ouvido dizer.»

Prezado amigo de Mourisca do Vouga, não se canse de cantar sempre assim. O poema é rebuçado que alivia a cruz de reclamações justas (culpa nossa) e injustas (culpa dos assinantes).

Um caso:

A nossa barca é muito grande. Estende-se do Douro ao Índico. E porque grande e complexa, muitos dos nossos amigos resolvem entregar suas contas na rua aos pequenos vendedores do jornal. A maior parte das vezes, porém, na roda das voltas e dos trocos, — por incúria — lá se vai o papelinho com as indicações. E quem diz pequenos diz grandes — até mesmo um ou outro dos nossos Padres, cujo cérebro se dispersa pelo rumo de toda a nau. E a ficha ou fichas permanecem em branco...

Outro caso:

Os visitantes nem sempre são cautelosos quando demandam nossas Casas! Sucede que ao

Editorial

primeiro dos nossos que apareça depositam contas e valores na mão... Ora em Paço de Sousa, por exemplo, o chefe dos cicerones é, por natureza, o depositário-chefe de recados e o mais. Tem, mesmo, um livro de talões com cópia, para registo de entregas com destino a assinaturas, etc...

E mais outro:

Frizámos já em vários artigos, nos últimos tempos, a necessidade imprescindível — atendendo ao enorme volume de correspondência que, graças a Deus, recebemos diariamente — de os prezados assinantes especificarem detalhadamente o destino das importâncias entregues: se assinante do jornal — o que é pró jornal; se, também, da Editorial — o que para esta e para aquele. Infelizmente, porém, por esquecimento ou, ainda, desconhecimento do mínimo de organização de que dispomos — ai de nós se a não tivéssemos! (são mais de 30.000 assinantes do «Famoso» e cerca de 5.000 da Editorial...) — há quem remeta vales de correio ou cheques (vias seguras, não há dúvida), sem mais indicações! As vezes — quantas! — esclarecendo o destino, mas em nome diferente do registo dos n/ ficheiros: manda o filho e não indica o nome do pai; a esposa faz o mesmo esquecendo o nome do marido; a neta, também em relação à avó, etc.. Resultado: Depois de improficua busca em ambos os ficheiros, são cheques ou vales que levamos a crer simples donativos. E não são...!

E mais um:

Aqueles senhores e senhoras que — é naturalíssimo! — usam nomes de baptismo compridos. Inscreveram-se com ele todo, em nossos ficheiros. Mas, depois, resolvem comunicar conosco adoptando a simples rubrica de dois ou três sobrenomes; mais a agravante de um José Carlos X Y Z, por exemplo, indicar só Carlos X. Resultado: em ficheiros ordenados alfabeticamente é um quebracabeças onomástico! E prejuízos seguintes... que vêm ao de cima, também, por via dos postais.

Em suma, tudo isto (que é só uma parte...) junto a azelhices nossas no trabalho de escrituração — ai «Olhinhos», «Herrera», «Botas», ai todos nós, afinal! — ai têm os senhores, ai temos todos um rosário interminável...

O certo, porém, é que a chapa estereotipada do inofensivo postal, ao fim e ao cabo revolucionário, não deixa de ser compreensiva, esclarecedora — delicada: «Se, entretanto, V. já tiver liquidado, tenha a bondade

de de nos esclarecer, para actualizarmos a sua ficha».

Apesar disto, há os que respondem, bravos!; outros animados, compreensivos — a bater no peito. Evitam ratoeiras no futuro e procuram a perfeição. Ora vejam:

«Formidável «Gaiato».

Tenho-te lido — nem sempre.

Gostaria de ser — pelo menos — cumpridor no pagamento, mas não sou.

Aqui vão 100\$00 para amortizar — parece que que (parece que estou gago e devia está-lo de vergonha) sou o n.º 20550.

Não foi por ter ouvido os dois «Barbudos» na primeira canção no programa T. V. «Zip Zip», ontem, que resolvi enviar esta nota. Palavra que já tinha dito à minha mulher — ela também é «ferrenha» de «O Gaiato» — que enviasse hoje

esta quantia. Palavra, palavra!... de palavras está o Mundo cheio e de «boas intenções» — da tal canção está o Mundo cheio.

Não peço desculpa porque a não merecemos.

Vou eu, e a Rosita também vai, procurar cumprir melhor. Até breve (???)!

Felicidades.»

É outro poema formidável — para o Formidável Gaiato! E veio de Lisboa, da capital.

Quem dera ao menos aquele «vou... procurar cumprir melhor» desperte e estimule quem, por mor da vida atribulada e frenética dos nossos dias, se fecha em torre de marfim — a maioria, afinal, dos atingidos pelo inofensivo postal. Como seria menor e mais profícuo o nosso trabalho; e menor, também, a despesa em selos do correio!

Júlio Mendes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

POBRES — É um homem novo, casado com uma viúva bem mais velha. Adoeceu. Agora já não podia mais.

Desde que se nos deparou o caso verificámos que o tratamento ambulatório para cura seria utopia. E mais não somos licenciados em medicina... A mesa dos Pobres ainda é o caldo. E o conduto — se há — não supre, em casos destes, as necessidades orgânicas. O internamento é que era.

Foram meses e meses de preparação. E chegámos quase ao desânimo! Pois é difícil demover mentalidades tão firmes como o betão. E não só isso; outros problemas que, juntos, são cadeia intransponível — sem o auxílio do Pai do Céu.

Queixou-se dos sanatórios. Insistiu noutras queixas. Era um não permanente! Até que mudámos de tática. Que a nossa técnica é o Amor. E o Amor de Deus venceu.

Não havia tempo de esperar burocracias. E logo que o doente anuiu e se convenceu do internamento só havia um recurso: pedir uma ambulância e seguir para o sanatório. Receberam-no só por compaixão — atendendo ao seu estado!, disseram os voluntários. Ele é de facto, o melhor atestado. Como seria tão fácil poupar papéis e tempo e dinheiro, o dinheiro da Nação — de nós todos, afinal!...

Júlio Mendes

LOURENÇO MARQUES

Amigos, mais uma vez, eu passo a escrever para o nosso famoso «O Gaiato». Pois por duas vezes que eu escrevi falava daquilo que nos ofereceram e das nossas obras. Pois todos continuam a ajudar-nos, o que muito agradecemos. Os meus colegas vêm fazer um pedido por meu intermédio, pois sabemos que é um pedido um bocado incómodo, mas esperanças todos nós temos. Não há por aí alguém que nos queira oferecer uma «bateria», que esteja guardada por algum canto!...

Esperamos que sim, sabemos que é um instrumento caro; por isso não queremos coisas novas; lo-

go que sirva para tocar, é o que queremos. Pois temos rapazes que cantam alguma coisinha, além de não serem artistas são habilidosos. Temos uma viola, que o Bino já sabe tocar acompanhamentos, isto é nem em todas as coisas, mas na l-gumas; por isso nós cá esperamos o nosso pedido, e esperanças não nos faltam.

Muitas vezes os rapazes interessados falam com o Sr. Padre José Maria a este respeito. Pois a resposta é: preocupação, falta de dinheiro, e que nós não temos vontade! Ainda não tivemos ocasião de lhe fazer ver que por nossa parte há sempre vontade. Falta-lhe uma prova e essa prova está incompleta, pois a viola só não dá aquilo que nós queremos. Haja bateria e outros instrumentos, de que não necessitem, e veremos do que somos capazes.

Peço desculpa deste atrevimento, mas esperamos ser atendidos. Um muito obrigado, em nome de todos.

Ezequiel

CANTINHO DE POESIA

O gano da roseira

Franzino, espetado ao pé duma amoreira
Foi pelo jardineiro um gano de roseira.
Ninguém, quando passava,
Um meigo olhar lhe dava.

Cresceu. Folheou. Floriu. Hoje, planta formada,
É de todo o jardim a roseira encantada:
Poisam nela os insectos
Com jeitos mil e afectos.

É Primavera — vêde! As mansas abelhinhas,
Em busca do sustento sempre ligeirinhas,
De flor em flor voando,
O néctar vão sugando.

Agora um rouxinol lhe pousa repimpado,
Gesticulando o bico em cantar requetado.
E só quando escurece
Dali desaparece...

As mãos duma criança — indiferente à dor
Que uma mãe sente e chora ao perder um amor —
Lhe descarnam as rosas
Tão rosadas, formosas!

...Aquele mansa e linda, enfeitada roseira
À jarra há-de enfeitar que tenho à cabeceira,
Ao pé dum crucifixo
Um pouco acima fixo...

PAÇO DE SOUSA, JUNHO DE 1969

SANTOS SILVA



Abrimos esta coluna, com uma cartinha que nos trouxe 100\$. Ei-la:

«Agradecendo ao Senhor o dom precioso de mais uma filha que veio enriquecer o nosso LAR, enviamos-lhes esta pequena lembrança. Perdoai a insignificância, e não vale a pena acusar a recepção. Cumprimenta-vos com amizade.»

Obrigado pelo vosso carinho e Deus abençoe esse «dom precioso».

E já que «não vale a pena acusar a recepção», vai uma palavrinha a todos vós, leitores, que, de quando em vez, enviais as vossas ofertas e não as vêdes especificadas neste cantinho. Ficai certos que são recebidas. E o Senhor sabe: é, quanto basta.

E vamos ao rol:

De Luísa, 20\$ e seu cartãozinho: «Se migalhas também são pão, envio uma migalha muito migalhinha com votos de uma boa Páscoa.»

Esclareço os leitores desta rubrica, que a última saída no jornal foi antes da Páscoa. Por

Do que nós necessitamos

tal, muitas das presenças anotadas referem-se à festa da Ressurreição.

Lídia Gonçalves, de Lisboa, com 300\$00. Mais 1.020\$00 da Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo, aquando da nossa visita. Promessa anual de 500\$, de A. R. R. C. B., do Porto. De Paris, chegaram-nos 2 presenças de 50 e 1.800 francos. São de Amigos que aparecem quando podem. Ass. 25410, de Vila Real de Santo António, com 240\$. «Por alma dos meus Pais», 50\$. Casal do Porto, que nos olha com muito carinho, 2.000\$.

Vialonga com 200\$00. «Obra de Deus — para os Pobres», duas presenças de 40\$. Do sobrevivente do casal R. D., 50\$ que é hábito enviar mensalmente. Portuense Maria com 250\$. Regina com 50\$00. Das

economias duma Filomena do Porto, 500\$. Lisboa com 100\$, 20\$ e 500\$00. Anónima da Invicta com 200\$. De M. A. S. 20\$. Ass. 16102 com 300\$. «Pelas melhoras dum ente querido», 200\$. Mais 10 dollares de Newark. Ass. 7013 com 50\$. Igual quantia dum assinante do Seixal. Mais 20\$ do Porto. Um cheque de 100\$, por alma de Manuel. Metade do primeiro ordenado da filha mais velha de uma família numerosa, simpaticuíssima. 550\$ de Lisboa, «pequena lembrança de pessoa pobre que durante um ano faz as suas economias para poder sentir o prazer de dar».

E cá vai «o casal muito amigo — Da nossa filha, para os vossos filhos, nossos irmãos, o abono de família do mês de Abril». Também recebemos o de Março e ainda mais «50\$

para amendoas que ela não come ainda».

Calçado e roupa de Gaia. Um fato de Madalena. De gente amiga de Elvas, por intermédio do nosso Júlio Mendes, um pacote razoável de vestuário. 500\$ de Maria Alice. 20\$00 do Porto. Um grupo de amigos do Bairro da Pasteleira, enviou 330\$. Mais de duas irmãs muito amigas, 100\$. Para os nossos Pobres, por alma de Pedro, 100\$. Campanhã com 50\$. Ass. 27062 com 500\$. Mais 426\$00, produto do câmbio de 15 dollares, da Murtosa. De E. M. J. B. 200\$ Assinante de Rio Tinto com 100\$00 mensais. 200\$ de Valadares. 50\$ de Lisboa. Elvira com 100\$. Promessa com 150\$. Coimbra, «com admiração pela vossa Obra», 100\$. Igual quantia da Gafanha da Nazaré, dum graça recebida.

2.170\$70, do «pessoal das Delegações do Banco de Portugal». Dum leitor do «Jornal de Notícias», 100\$. António com as presenças do costume, desde há anos. Mais 3.000\$ «para distribuir conforme melhor entender nas santas visitas ao Barredo». E mais 2.000\$ de «Uma espanhola». A caridade não conhece fronteiras.

Promessas a Pai Américo de 50\$, 150\$, 100\$, 150\$, 300\$ e 500\$. Ainda dum graça, 100\$. De Caldas da Rainha, 20\$. De donativos entregues em «O Comércio do Porto», 400\$. Portimão com 70\$. Murça com 50\$. E cheque de mil de Sandim. Mais 20\$ do Porto. Quatro presenças da E. D. M., de 20\$. Das escolas de Francelos, 150\$. Mais 200\$ de quem pede as melhoras dum ente querido. Cá vai o Sr. Manuel da Rua da Corticeira com 20\$, mais 20\$, mais 20\$. Lisboa com 100\$ lembrando o dia da Mãe.

Pacotes de lâminas dum nosso Amigo de algures. E cá vai, mais uma vez, o grupo «Estrelas de S. Lázaro», do Porto, com 520\$. L. L. com 20\$. Mais 50\$ do Porto. E mais um Amigo da Invicta, que se lembrou de repartir connosco um prémio do Totobola, enviando-nos 1.702\$. «Para os Pobres», 100\$. E mais 500\$ e a legenda do seu envio: «Por Alma d'Aquela que tanto amei, para a Obra que Ela tanto amava».

Roupas de Lisboa, acompanhadas de humildade no seu envio. Mais vestuário do Porto. A. S. E., de Lisboa, com 50\$+50\$. Mais 20\$00 do Porto. J. J. V. com 50\$. Maria Helena com 100\$. De Leiria, 50\$. E de Tomar, 500\$. Aveiro com 50\$00. De Maceira Liz, ass. 33745 com 250\$. De Caracas, um cheque de 18 dollares. Amigo e Comandante regressado da Guiné, não nos esqueceu lá longe e cá vai com a lembrança de 900\$. Mais 100\$ de algures. Amadora com 20\$. Amigo de Aveiro, com 50\$. De Valadares, 100\$. De Casaldelo, pessoa que vive intensamente a nossa vida lembra-nos de vez em quando: «Anónima independente», de Lisboa, com 1.100\$00.

E termino com esta cartinha, dum professora primária:

«Escrevi-vos o ano passado, altura em que frequentava o Magistério Primário e pedi-vos que me considerassem assinante de «O Gaiato» apesar de nessa altura não poder dispor de dinheiro para vos pagar a assinatura. Desde então tenho recebido o vosso jornal, que leio de ponta a ponta...»

É grande o amor que tenho pela vossa Obra e quero fazer por ela o pouco que me é possível, neste momento. Envio-vos 500\$ em vale de correio, fruto de algumas economias.

É pouco, bem sei, mas dado com todo o carinho e amizade.

Abraça-vos, uma professora agradecida.»

Padre Abraão

Manuel Pinto

Em plena tarde de sol escaldante fui encontrar um grupo de 11 rapazes agarrados a pás e picas trabalhando como danados.

Com o calor, a maioria andava de tronco nu e mesmo assim suados.

Não gostei de os ver em esforço tão duro e refilêi.

Mando-os ir para outro trabalho mais leve e à sombra.

Que não, que só precisavam de chapéus para se guardarem do sol.

Quero saber a razão do interesse e da pressa naquele trabalho.

— É que nós queremos arranjar isto para se fazer aqui a piscina.

Fiquei-me na minha e disse que não os queria ali.

— Se não acabamos isto de pressa não temos piscina este ano e nós gostamos muito de tomar banho.

Eles acalentam aquela esperança e nós sonhamos com ela há anos.

Ainda há pouco tempo fui dar com Sr. P.e Carlos naquele local a olhar, olhar e pensar. Eu também por lá passo muitas vezes e olho, meço e sonho. Até já me dei ao cuidado de fazer um esboço da futura piscina com seus anexos relevados, tanque para os mais pequenos, caixas de areia, baloiços, campo de voleibol, cabines e sei lá que mais.

O sítio é bonito e recatado: Encima-o o pombal e tem 2 declives de terreno que ajudam e uma vista para os lados da mata que encanta.

Sr. P.e Carlos, quando lá o apanhei, devia estar a ver, à sua maneira, este arranjo e a fazer os seus cálculos.

Os rapazes é que não querem saber de finanças e toca a dar pressa à parte deles. Como souberam do local não sei.

Será que têm andado a espiar a P.e Carlos e a mim?

O que eles não sabem é que por amor das nossas Casas do Ultramar e mormente por



VISTAS DE DENTRO

Lourenço Marques, a filha mais nova que ainda não pode andar sôzinha sem o dar-de-mão da Casa-Mãe, temos de esperar mais uns tempos.

Para mais, a nova máquina pró «Famoso» e a compra da nova carrinha para substituir a velha Austin, levaram todas as reservas.

Por tudo isto eu mantive a minha ordem e não os deixei continuar a obra que voluntariamente iniciaram.

Se a gente conseguisse a fórmula mágica de acertar no Totobola?

O pior ou o melhor, é que os nossos Padres não vão em jogos, e a malta que joga sabe demais de futebol e nunca acerta

com o 13 que seria a solução da piscina.

«Vádio» ou melhor o «Pica Pau», que vós já conheceis, parece que vai merecer a mudança de alcunha.

Nem podia deixar de ser. Os colegas apertaram-lhe de tal sorte o cerco que ele não dá um passo que não haja quem o vigie.

Agora tudo o que encontra ou lhe dão vem prontamente entregar.

Acahava de me trazer cinco tostões que achara e mal saíra da minha beira logo mais de 20 vezes me chamam à janela para saberem se ele tinha feito a entrega.

Com uma polficia assim montada, «Vádio» não tem outra alternativa senão corrigir-se e tem-no conseguido graças à amizade dos seus irmãos.

Um sinal de transformação. Nas mesas do refeitório há umas pequenas jarras para flores. Pois a da mesa do «Vádio» é a que tem as mais lindas e frescas flores, graças aos seus cuidadosos.

E com estas pequenas coisas que se fazem homens de vádios.



SETUBAL

Cont. da PRIMEIRA página

senti atravessar o mundo: — Porque estamos aqui, a definir momento a momento, nós crianças indefesas e inocentes? Porquê? Este porquê pareceu-me atravessar o mundo indiferente.

Trouxe-os. A menina também.

O Carlos Alberto não tem dentes. Nunca nasceram. A fome é a resposta de todas estas deficiências. A fome e a fartura de tantos.

São duas crianças amorosíssimas. Ambientaram-se imediatamente. Alimento e carinho foi a receita do médico. Nem era preciso ir ao médico. Mas fomos para descansar. Num mês fizeram uma recuperação espectacular. Têm manifestado um carácter alegre e transbordam

uma felicidade contagiante. Vivem os 2 muito juntos. Há dias fui encontrá-los a cantar a «desfolhada».

Nós damo-los. São dois tesoiros. Custa-nos como arrancar o coração. Só os dois juntos. Ajudar-se-ão mutuamente. Serão mais equilibrados. Ela mais mulher e ele mais homem. São dois irmãos.

Veio há dias um casal. Levava a menina. Não tem filhos. Eu pus a tese: — Só os dois. Um tesoiro paga-se com outro tesoiro. Vão os dois. Não os orientava o amor. Vinham por egoísmo e foram de mãos vazias.

Quem quer o meu tesoiro? O tribunal trata do assunto e uma família pode ficar com direitos paternais.

Padre Acílio



Cantinho

DOS RAPAZES

«A vida é feita de contradição», me dizia há pouco um de vós. É verdade! Aqui estou eu, hoje, pegando na palavra e no tema de há quinze dias, do nosso Padre Manuel, para expor um reverso de medalha.

O António Manuel estava conosco desde 1960. Bom rapaz que nos parecia, fomos-lhe dando confiança e responsabilidade. Foi chefe. Quando tal, serviu-se da posição e entrou em disparate. Pensámos tratar-se de uma crise passageira, de qualquer desequilíbrio que o choque de um castigo sobre uma consciência sã acabaria por curar. O tempo foi-nos mostrando que infelizmente pensámos dele bem demais.

Ao ir para a tropa esteve iminente a sua saída. Preferimos ter paciência e ser teimosos na esperança. Mas bem fomos percebendo que a sua atitude era acomodaticia, política no mau sentido, porquanto lhe não convinha para o momento perder a pensão.

Há dias soubemos, sem risco de erro, que os «negócios» pouco claros continuavam, que a

«esta linda terra, só a sua querida» o prendia.

Não há mais que sofrer, nem esperar. Cortámos.

Nós somos uma Família. Sommo-lo mesmo pela graça de Deus; sommo-lo em realidade consumada por tantos e tantos, uns que estão dentro, outros que estão fora dos nossos tectos, alguns destes em situações lindas, que lhes garantem uma robusta independência económica e os autorizam perante os seus concidadãos mais próximos — o que muito nos conforta e nos honra.

Quando um de vós trocou o «Senhor Padre Américo» por Pai Américo, consagrou de uma vez para sempre este pensamento fundamental que ele nos legou: «A Família é a escola natural da sólida formação do homem. Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão». Por isso que o padrão da Obra é a Família, «é uma Família que ela pretende ser para os que nunca a tiveram ou a perderam».

Tem as suas dificuldades esta realização, por causa do grande número e da tão diversa prove-

niência dos membros da Família. Mas creio que é com os pés no chão que posso afirmar (à luz, até, do conhecimento do estado de muitas famílias de sangue e da deterioração presente de muita juventude!) que, por graça de Deus, geralmente, nos saímos bem da empresa.

Tanto e tão felizmente me enche esta convicção, que vos tenho dito e redito nos últimos tempos e continuarei com insistência que, entre as faltas mais graves que vos pode acontecer, eu tenho aquelas que firmam a Família que somos. É mortal. Quebra os laços que, sem nascerem da carne nem do sangue, nem por isso deixam de ser reais, vivos e vivificantes para tantos de vós, como a experiência nos mostra, justamente a respeito daqueles de que já falei, hoje bem lançados na vida e bem fundados na vida de uma Família que nesta teve e tem suas primícias.

A falta de carácter, a não-correspondência do António Manuel a uma amizade forte que lhe foi oferecida e mesmo dada — é uma dor. Mas, «como a vida é feita de contradição», eu fixo-me na contradição desta dor: na alegria profunda e tão mal merecida por mim, que vos devo, à maioria de vós e a muitos, hoje na vida, que não me passaram pelas mãos e me dão a experiência feliz de como «a Família, a nossa Família, é verdade!»

AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

filhos, negligenciando as suas necessidades psíquicas, morais e até físicas. Falta-lhes muitas das vezes ainda a grande arma de toda a acção educativa: o exemplo. Com palavras só nada, ou pouco se consegue. O desleixo, a incúria e a preguiça em matéria educativa pagam-se caros e às vezes com consequências irreversíveis. É fácil conservar um certo verniz nas atitudes ou contactos sociais e chamar ordinários aos outros; nesta, porém, sabe-se onde vêm os maus exemplos ou a ausência deles. As gangrenas começam por coisa pouca e as dissoluções morais não consta que possam ser atribuídas aos escalões mais humildes. Em

certo sentido a negligência dos pais e dos educadores pode considerar-se uma pausa de crueldade, pelo menos nos seus efeitos.

É certo que há muita negligência por desconhecimento e por isso mesmo deixa de ser imputável. Quem não sabe é como quem não vê. Daí a necessidade das Autoridades responsáveis, da Igreja e das elites suprirem e educarem. Se se demitem das suas responsabilidades será o caos e como abismo chama por abismo, será a infelicidade e a desorientação. Por exemplo, a pornografia inqualificável que por aí grassa, a todos os níveis e sectores, não estará a pedir do Ministério do Interior uma atenção especial? Liberdade é uma coisa e anarquia é outra. De resto, sabemos bem como se orienta todo o processo corrosivo e desagregante; minadas as bases tudo acaba por se subverter.

No curto espaço que nos resta, não quereríamos olvidar todas as crianças, rapazes ou raparigas, vítimas da exploração dos familiares ou dos estranhos, sujeitos a trabalhos inoportunos, quer pela sua natureza ou devoção, quer pelas circunstâncias ou meio onde se efectiva. Muitas das vezes a compensação material obtida realiza-se à custa da própria saúde e com manifesto prejuízo da educação e da instrução dos menores, constituindo sério entrave ao seu desenvolvimento físico, mental ou moral, para utilizar expressões da «Declaração» que temos vindo despreziosamente a comentar. Os pequenos marcanos e os ardinas de verdes anos, com horários e pesos inoportunos; as jovens serviçais, vindas para os grandes centros e tantas vezes vítimas da sua ingenuidade e da maldade dos homens; os aprendizes, não raro alvo da violência moral e física dos adultos, como até nos jornais é noticiado; as crianças lançadas no vício da pedincha por muitos que não querem trabalhar; enfim, todos aqueles que são vítimas da maldade do Mundo, estão presentes no nosso espírito ao passarmos ao papel estas simples palavras, sem olvidar aqueles ou aquelas que são alvo de traficantes sem escrúpulos e lançados nos caminhos da perdição e do crime.

XXX

Os apelos feitos não têm tido resposta. Não haverá cireneus que ajudem a levar a cruz que o Senhor nos quis confiar?

Padre Luís

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

XXX

Quem nos ajuda a trazer a luz para a nossa Aldeia? Não temos luz!

Vamos começar a montagem da linha. São seis quilómetros de postos e cabo.

Sei que em Malanje, um grupo de amigos decidiu ajudar-nos — e logo apareceu uma lista que nos primeiros minutos chegou a três mil. Quando ela bater à tua porta põe uma migalha.

Também a Câmara, pelo seu Presidente, nos ofereceu uma ajuda com mão de obra. E o Sr. Rosas 100 isoladores. Tudo isto no primeiro dia da nossa decisão.

Padre Telmo

Visado pela
Comissão de Censura



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Cont. da PRIMEIRA página

Ora não senhor, não há razão nenhuma para receio de abuso. A medida da acção de cada um é as «tantas, quantas...» E o facto de se ter feito duas, três e mais... e não se sentir desobrigado de continuar é uma prova real de sensibilidade cristã, de inteligência pastoral.

Eu tenho muito apreço por estes «comilões», como lhes chamava Pai Américo. L uma só dor me consome. Presenciar-lhes a fome e não ter com que os servir.

Já aqui venho dizendo repetidas vezes que tem esmorecido um pouco o caudal que alimenta os fundos do Património dos Pobres. E tenho pedido — com bastante êxito, graças a Deus — que não nos prendam com nomes que obriguem a placas, mas nos deixem repartir em fatias pequeninas, como é possível, por estes heróicos chefes de Família que, bem mais do que tantos outros cidadãos, mereciam uma comenda.

Reparem que, quase sempre se trata de Pais de muitos filhos, em regra operários, ou, pior ainda, trabalhadores rurais, que em alcançando uma nesguita de terra e a promessa da telha, realizam maravilhas

PATRIMONIO DOS POBRES

— por certo com a benção de Deus! — realizam tudo que vai do chão ao telhado e depois vão dividindo e acabando como podem.

Que dor, pois, sermos tão procurados por gente que, sem se meter em complicações, control mesmo, e termos de os despedir de mãos vazias, ou de fazê-los esperar demasiadamente.

Há anos surgiu a lembrança do Totobola. Ontem li num diário que a «Fundação Salazar» já reuniu cerca de 300 mil contos, mas que da hora da realização ainda não se sabe, pois «é preciso estudar e resol-

ver muitos problemas...» «Tudo isto é certo, tudo isto é necessário.» — continua o jornalista. «Mas, perante a urgência do problema não será caso para perguntar se não se poderiam iniciar imediatamente tais estudos, com um prazo mínimo de solução, para começar imediatamente a construção das casinhas?»

Ora que bom se assim quisessem fazer! Nós estávamos às ordens para ajudar a despachar. E com 1 por 1000 do que está arrecadado lá nos fundos da Fundação, nós respondíamos já à ladainha de preces que aí temos aguardando o nosso amen.



Santos Silva—chefe maior—zela pela refeição dos «batatinhas».